

SUBMISSÃO E LIBERDADE DAS MULHERES EM *NIKETCHE*: UMA HISTÓRIA DE POLIGAMIA, DE PAULINA CHIZIANE

SUBMISSION AND FREEDOM OF WOMEN IN *NIKETCHE*: A STORY OF POLYGAMY, BY PAULINA CHIZIANE

Marília Lima Marinho¹
Márcio Araújo de Melo²

RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo discutir a trajetória de algumas mulheres do romance *Niketche: uma história de poligamia*, de Paulina Chiziane, suas lutas em prol da liberdade e fuga da submissão masculina. Justifica-se por se tratar de uma obra feminina, que revela o cotidiano das mulheres de Moçambique, e por explorar um tópico interessante que é a luta pelos direitos iguais. Tem como embasamento artigos científicos, dentre eles o de Isabelita Maria Crosariol e Stefânia de Moraes Diniz que, em um estudo de *Niketche*, discorre sobre as várias formas de ser mulher em Moçambique, e o artigo de Raquel Ferro da Cunha que aborda os conflitos e lutas internos da mulher em *Niketche*.

Palavras-Chave: Mulher; Submissão; Liberdade; *Niketche*.

ABSTRACT

This work aims to discuss the trajectory of some women of novel *Niketche: Uma história de poligamia*, by Paulina Chiziane, their struggles for freedom and escape from the male submission. It is justified per if treat of a female work, that reveals the daily lives of women in Mozambique, and explore an interesting topic that is the struggle for equal rights. Has as groundwork scientific articles, among them the article by Isabelita Maria Crosariol and Stefânia de Moraes Diniz that, in one study of *Niketche*, discusses the various ways of being

¹ Graduada em Letras pela Universidade Federal do Tocantins.

² Doutor em Literatura pela UFMG. Professor do Programa de Pós-graduação em Letras: Ensino de Língua e Literatura da UFT e do Programa de Mestrado Profissional em Letras em rede nacional – PROFLETRAS. E-mail: marciodemelo33@gmail.com

woman in Mozambique, and the article by Raquel Ferro da Cunha that discusses conflicts and internal struggles of woman in *Niketche*.

Keywords: Woman; Submission; Freedom; Niketche.

1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Este artigo se atém em discutir a trajetória de algumas personagens mulheres da obra *Niketche: uma história de poligamia*, de Paulina Chiziane, suas lutas em prol da liberdade e fuga da submissão masculina. Sua justificativa está atrelada ao fato de se tratar de uma obra de autoria feminina, na qual mostra o cotidiano das mulheres de Moçambique, bem como suas lutas pelos direitos iguais entre mulheres e homens.

No decorrer do romance é possível notar a quebra de costumes, do tradicionalismo adotado pela sociedade moçambicana, o que conduz a saída da mulher de uma zona invisível para ganhar uma maior credibilidade, mais justa e adequada. Dessa forma, o romance de Chiziane se coloca como metáfora de uma batalha travada pela emancipação e independência feminina em Moçambique.

Através de pesquisa de cunho bibliográfico se deu a realização deste trabalho, no qual teve como ferramenta principal as habilidades de leitura, onde foram exploradas informações a partir de textos escritos.

Para a realização do trabalho, tem-se como material de análise a obra de Chiziane. Para embasamento, além do uso também da obra da autora, foram utilizados artigos científicos, publicados em periódicos, como o de Isabelita Maria Crosariol e Stefânia de Moraes Diniz que, em um estudo de *Niketche*, discorrem sobre as várias formas de ser mulher em Moçambique, bem como o artigo de Raquel Ferro da Cunha que aborda os conflitos e lutas internos da mulher em *Niketche*.

No decorrer do trabalho será exposta a trajetória das mulheres, em especial Rami, narradora e protagonista da história, diante de uma diversidade de culturas resultantes do encontro das culturas locais tradicionais com as culturas portuguesas pelo processo da colonização. Isso acaba por mostrar os costumes, mas sobretudo a luta, a união, o desejo de reconstrução e a recuperação do que outras culturas implantaram.

Assim, através deste trabalho, poderá ser constatada a força das mulheres em busca da liberdade. Por mais diferentes que sejam tais buscas, elas têm interiormente o mesmo propósito, ou seja, a saída da zona do comodismo, silenciamento e submissão ao homem, para a igualdade e à espontaneidade de poder opinar em seu país.

2. MULHERES MOÇAMBICANAS

Em Moçambique, segundo suas tradições, a mulher é vida, simbolicamente, atrelada à mãe-terra. Essa imagem, para Fonseca (1997 *apud* SANTOS, 2012, p. 72), está ligada aos componentes da nação, como explica ao dizer que “Não é de estranhar, portanto, que imagens ligadas ao feminino sejam retomadas para compor o corpo da nação [...]”, que mesmo criando esse processo em torno da mulher, nem sempre ela é “[...] a produtora dos discursos que tecem os contornos dessa comunidade imaginada, pensada como a grande casa que acolhe todos os seus filhos”. Mesmo com essa ideia de ser a mãe acolhedora para com os seus, a sociedade patriarcal é quem dita as regras, as normas, deixando esse discurso da mãe-terra valorizado apenas na teoria.

Helga Maria Francisco (2011, p.301) afirma que a África é vista como um lugar “de regiões matrilineares”, mas “muitos dos preceitos defendidos naquelas regiões convergem sempre para um único ponto: agradar o homem, o senhor, em símbolo de obediência e submisso.” Ou seja, as culturas presentes nos países africanos primaziam a mulher quanto um ser simbólico, que está apto à criação e à construção da família, bem como da comunidade nativa. Todavia, nem sempre ela tem esse reconhecimento, pois essa ideia do ser mãe, geradora da vida não retira a mulher do lugar de sujeitada ao homem, apenas a oprime, pelo fato de ela sempre está inferior.

Está junto à mulher construtora de família, a mulher submissa à percepção masculina do patriarcado. Este patriarcado é construído pelas regras que obrigam a mulher a viver em um grau de inferioridade frente ao homem, cabendo a ela contentar-se a um matrimônio inferior ao devido, estando sujeita a tratamentos por vezes desprezíveis. A mulher tem, com toda submissão, o dever de portar-se feliz e satisfeita diante do cuidar do lar e da família, obedecer ao seu cônjuge, visto que ele é a autoridade maior da sua vida e do seu lar. Isto pode ser percebido a partir da forma como a narradora descreve homem em relação à mulher, trazendo-a, sobretudo uma ideia de inferioridade diante dele. São as imagens da força, da grandeza para ele, e da utilidade para ela.

Homem é elefante. Grandioso. Mas o elefante atraindo-se com formiga. O olho grande sempre se encanta com coisa pequena. Não procura ser grande, mas pequena. Muito pequena [...] a mulher é uma camisa que o homem usa e despe. É um lenço de papel, que se rasga e não se emenda. É um sapato que descola e acaba no lixo. (CHIZIANE, 2004, p. 41-54)

Pode-se dizer que perante a visão da mulher criadora africana, a “mãe-África”, as concepções resistentes e abrangentes na região conduzem constantemente ao fator de obediência ao homem. Sob essa ideia de mulher como um ser subalterno, tem-se uma abordagem de Spivak (2010 *apud* CROSARIOL; DINIZ 2012, p.111) na qual diz que “Com respeito à ‘imagem’ da mulher, a relação entre a mulher e o silêncio pode ser assinalada pelas próprias mulheres; as diferenças de raça e de classe estão incluídas nessa acusação”.

Em *Niketche*, por mais que Rami seja protagonista, ela não evidencia somente um tipo de mulher, pois são trazidas outras mulheres que habitam outras partes de Moçambique. Visto isso, essas mulheres representam duas grades regiões desse país, norte e sul, com culturas e características diferentes. E sobre as características mencionadas, referem-se aos modos de viver, de agir e até mesmo de pensar dessas mulheres. E isso pode ser assinalado na fala da narradora ao dizer que:

As vozes das mulheres no norte censuram em uníssono. No sul a sociedade é habitada por mulheres nostálgicas. No sul a sociedade é habitada por mulheres nostálgica. Dementes. Fantasmas. No sul as mulheres são exiladas no seu próprio mundo, condenadas a morrer sem saber o que é o amor e vida. No sul as mulheres são tristes, são mais escravas. Caminham de cabeça baixa. Inseguras. Não conhecem a alegria de viver. Não cuidam do corpo, nem fazem massagens ou pintura para alegrar o rosto. Somos mais alegres, lá no norte. Vestimos de cor, de fantasia. Pintamos-nos, cuidamos-nos, enfeitamos-nos. Pisamos o chão com segurança. Os homens nos oferecem prendas, ai deles se não nos dão uma prenda. Na hora do casamento o homem vem construir o lar na nossa casa materna e quando o amor acaba, é ele quem parte. No norte as mulheres são mais belas. No norte, ninguém escraviza ninguém, porque tanto homens como mulheres são filhos do mesmo Deus. Mas cuidado, no norte, o homem é Deus também. (CHIZIANE, 2004, p. 175)

Há uma tentativa de construir possíveis diferenças entre essas mulheres. Nota-se, dessa forma, um paralelo entre as mulheres do norte e as do sul, a maneira com que são estereotipadas em suas regiões. Ainda que se possa ver um tom de superioridade dos costumes das mulheres do norte ao serem comparadas com as do sul, ao longo do romance existe um jogo em que não há sobreposição.

Ao trazer que as mulheres do sul “Não cuidam do corpo, nem fazem massagens ou pintura para alegrar o rosto [...]”, a narradora faz por comparação à questão de as mulheres do norte, que logo aos dez anos de idade são encaminhadas às “escolas” de iniciação, onde aprendem como lidar com o amor e o sexo. Elas são construídas a partir dessa experiência,

como apresenta a condutora da narrativa: “Na iniciação aprendes a conhecer o tesouro que tens dentro de ti. A flor de púrpura que se multiplica em pétalas intermináveis, produzindo todas as correntes benéficas do universo. Nos ritos de iniciação habilitam-te a viver e a sorrir.” (CHIZIANE, 2004, p.37) Há também o fato de tatuarem o corpo, como se pode ver nas falas “– Faz tatuagens, Rami, umas tatuagenzinhas de nada, pelo menos nos lugares onde vai poisar os braços e repousar – aconselha a Mauá. – Podes até fazer as lulas – sugere-me a Lu.” (CHIZIANE, 2004, p.182).

Nestes ritos de iniciação se aprende a lidar com “amor”, “sedução”, como se deve agir quando for mãe, como portar-se em sociedade, bem como as regras básicas para saber conviver com outras pessoas. A mulher do sul vai aprender a descobrir e conhecer seu próprio corpo e o seu interior. Como visto, estes ritos vão além de um processo de alongamento das partes íntimas, no qual as mulheres aprendem truques para conquistar o marido. O que, de certa forma, não deixa de ser um ato submisso, pois tudo o que elas fazem não deixa de ser para agradar o seu parceiro.

Farias e Niederauer (2012, p. 56) afirmam que “*Niketche*, dança de amor e erotismo, tece ritualisticamente os passos entre tradição e modernidade num lugar em que se movem personagens que questionam, o tempo todo, o mundo alicerçado na visão patriarcal.” Além de ser uma dança sensual, a obra retrata a luta diária de mulheres por um espaço mais justo, o ser mulher, ser mãe, diante das dificuldades, apontando também para a busca de uma identidade cultural mais explícita de Moçambique, pois Rami parece trazer essa angústia de mulher que se encontra em um “não-lugar”. Como filha parece estar vinculada ao modelo de família patriarcal, à casa que tem como eixo a voz do pai; como esposa, ao vínculo do marido, de outro homem que substitui o primeiro. A voz da condutora da narrativa se volta para uma questão central: qual espaço tem a mulher na sociedade moçambicana?

Preciso de um espaço para repousar o meu ser. Preciso de um pedaço de terra. Mas onde está minha terra? Na terra do meu marido? Não, não sou de lá. Ele diz-me que não sou de lá, e se os espíritos de sua família não me quiserem lá, pode expulsar-me de lá. O meu cordão umbilical foi enterrado na terra onde nasci, mas a tradição também diz que não sou de lá. Na terra do meu marido sou estrangeira. Na terra dos meus pais sou passageira. Não sou de lugar nenhum. (CHIZIANE, 2004, p.90)

Seguindo esse anseio por mudanças, cabe mencionar que a narradora-protagonista pertence às famílias assimiladas às tradições europeias, tendo um matrimônio feito a partir dos modos e costumes de vida dos povos do sul-moçambicanos, que estão inseridos na doutrina

cristã. O que lhe garante – além das práticas culturais desse processo de assimilação pela colonização – um padrão monogâmico. Pela narrativa de Rami pode-se ler:

– Comecei a fazer enxoval aos quinze anos – explico. Bordar *naperons*. Fiz colchas e toalhas em crochê [...] – Tinha aulas na igreja, com os padres e as freiras. Acendi muitas velas e fiz muitas rezas. – falava-me da obediência, da maternidade. (CHIZIANE, 2004, p. 35).

Esse “entre-lugar” cultural de Rami gera uma tentativa de *negociação* na qual ela convive com uma espécie de conflito entre as culturas. A tradição, a colonização, a assimilação, a resistência, a luta, a descolonização, a guerra civil, enfim o embate cultural que tais processos produzem dá à Rami a necessidade de construir complexas negociações. Poder-se-ia dizer que ela está deslocada (Bhabha, 1998), a entrada do mundo europeu e “ausência de resistência” constituiriam essa *performatividade* da personagem:

Todo problema parte da fraqueza dos nossos antepassados. Deixaram os invasores implantar os seus modelos de pureza e santidades. Onde não havia poligamia, introduziram-na. Onde havia, baniram-na. Baralharam tudo, os desgraçados. (CHIZIANE, 2004, p. 93)

O processo de colonização constrói outro território, impõe outra história, dando ao mundo colonial outro tempo, forçando a construção de identidades ainda não previstas (Fanon, 1968). Moçambique fica dividida após o colonialismo, sendo que a região sul foi a mais influenciada pela empresa colonial, o que acabou em um maior apagamento das culturas locais e a adesão aos modos de vida dos ex-colonizadores. É o que afirma Santos (2012, p. 71):

[...] esse “afastamento” é fruto da assimilação cultural a que estavam submetidos os africanos devido ao colonialismo europeu. Essa assimilação cultural consistia na apreensão da cultura do colonizador por parte do nativo (no caso de Moçambique, a cultura portuguesa) e no expurgamento da cultura africana, ficando as populações nativas sujeitas a represálias se não o fizessem.

Esse apagamento cultural faz parte do processo de exploração colonial, em que o extinguir da cultura do outro se impõe como forma de dominação. Há uma desarticulação da identidade do colonizado, produzindo uma cultura e um lugar que lhe é estranho, por assim dizer. Ademais esse processo não é homogêneo no território colonizado, nele há fraturas, resistências, assimilações. Tanto que se pode notar, ao longo da obra de Chiziane, as divergências de culturas entre as regiões de Moçambique. Para Crosariol e Diniz:

Essa diversidade cultural mostrada na obra busca salientar as diferentes práticas existentes em Moçambique, contestando a ideia de uma nação uniforme e homogênea. No sul, a religião predominante é a católica, por conta da imposição colonial. Já no norte, muitas das práticas culturais anteriores à colonização ainda predominam. (CROSARIOL; DINIZ, 2012, p. 114)

Pode-se dizer que, retomando a proposta desse artigo, foi também o colonialismo português que influenciou a dominação masculina no território colonial, ampliando a separação do homem e da mulher quanto ao exercer dos papéis em sociedade, deixando assim a desejar a participação feminina nela, no âmbito público, cabendo somente ao homem este papel. À mulher restam as sobras: os trabalhos domésticos e os menos desvalorizados. Segundo Cunha:

A vida para essas mulheres africanas foi sempre de restrições quanto ao que lhes era oferecido. A elas, não era permitido participação à vida social e econômica do país, tampouco era consentido opinar nos assuntos da casa, já que no lar e na relação a dois era a voz masculina quem ditava as regras, restando a sujeição e o silenciamento, este acentuado durante o período colonial. (CUNHA, 2010, p. 65)

Neste contexto de colonizador e colonizado, que Bhabha (1998), a partir do olhar de Frantz Fanon, afirma que o discurso colonial é um aparato de poder da colonização, que reconhece e repudia a diferença cultural, criando ‘povos-sujeitos’ e legitimando os estereótipos do colonizador e do colonizado. Há que lembrar ainda que a criação do estereótipo da inferioridade feminina vem a reboque.

No relacionamento entre homem e mulher há, na obra, diferenças entre as culturas existentes na região sul e norte de Moçambique. Além da entrada de novos modelos culturais, o processo de colonização produz a junção e disjunção de territórios, construindo uma divisão, que resulta no afastamento de algumas comunidades de sua cultura primária, o que acarretou uma cultura híbrida. Como pode ser visto em:

Em algumas regiões do norte de Moçambique, o amor é feito de partilhas. Partilha-se mulher com o amigo, com o visitante nobre, com o irmão de circuncisão. Esposa é água que se serve ao caminhante, ao visitante [...] Uma só família pode ser um mosaico de cores e raças de acordo com o tipo de visitas que a família tem, porque mulher é fertilidade [...] No sul, a situação é bem outra. Só se entrega a mulher ao irmão de sangue ou de circuncisão quando o homem é estéril. (CHIZIANE, 2004, p 39)

É possível dizer que a proposta de Chiziane é trazer parte dos traços culturais moçambicanos. São traços culturais divergentes, mas que *simulam* a identidade de Moçambique, e, por extensão, produzem um modelo de nação. Ao apresentar as regiões norte e sul, a autora acaba criando laços entre ambas. Tal figuração de uma imagem do moçambicano pode ser vista através da união de Rami e das amantes adquiridas por Tony, pois cada uma é de

um lugar de Moçambique. Rami e Julieta são da etnia *machangana* do sul de Moçambique, Luísa é da etnia *sena* (*xingondo*) da região central de Moçambique. Saly é *maconde* da região norte e Mauá é da etnia *macua* também do norte de Moçambique. Seria possível dizer, então, que a obra de Chiziane é uma (re)invenção da nação moçambicana. Desde o início da narrativa esse processo pode ser notado, como se pode ver pela fala de Rami, quando resolve entrar em embate com as amantes do marido: “Desperto inspirada. Hoje quero mudar o meu mundo. Hoje quero fazer o que fazem todas as mulheres desta terra. Não é verdade que pelo amor se luta?” (CHIZIANE, 2004, p.19)

Através da descoberta das amantes de Tony, é gerada uma batalha entre as rivais. Rami tem como objetivo tentar encontrar uma solução para a sua vida matrimonial, quer em um casamento monogâmico, quer ainda em um poligâmico. No entanto, parece ser impossível, como se vê pelo anúncio da personagem-narradora: “Penso. Não tenho mais chances, não consigo mais segurar o meu marido com comidas, carinhos, fantasias [...] O meu caso precisa de magia. Só ela pode salvar o meu casamento”. (CHIZIANE, 2004, p.63). Um pouco mais adiante comenta a narradora: “fiz-me baptizar no rio Jordão [...] o meu corpo ficou mergulhado nas águas do rio, enquanto na cabeça me derramavam leite – leite de vaca (a que eles chamavam leite de cordeiro sagrado) – em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo.” (CHIZIANE, 2004, p.66). O que se nota é uma tentativa por parte da personagem em trazer para seu plano individual as culturas tradicionais e a cultura cristã. Essa possível conciliação – que procura muito mais assegurar uma espécie de direito ao marido – acaba por apresentar uma cultura híbrida, uma necessidade, ainda que falida, de Rami negociar com os valores culturais locais e estrangeiros. E, por extensão, *figurativizando* uma identidade nacional. Assim, ao buscar formas de assegurar um modelo de relação com seu cônjuge, Rami metaforiza a procura de Moçambique por um modelo cultural, que está oscilando entre o local e global.

Outro exemplo de negociação cultural e ruptura dos preceitos religiosos cristãos e, por outro lado, de adesão aos valores tradicionais pode ser evidenciado na figura de Vito (amante de Luísa e futuro esposo). Luísa “empresta” seu namorado para Rami, provocando-lhe certa repulsa, a princípio. “Entreguei-me a um desconhecido como uma vagabunda [...] Eu era uma pedra firme. Incorruptível, sempre vivi acima das outras mulheres porque era mulher de todas as virtudes. Feri a minha fidelidade [...]” (CHIZIANE, 2004, p.80). No entanto, as razões pelas quais Luísa faz tal empréstimo se pautam na solidariedade; numa solidariedade, acima de tudo, feminina, na qual uma mulher empresta à outra seu homem. Essa atitude da amiga beira a

incompreensão de uma assimilada como Rami, que arraigada aos valores judaico-cristão, eurocêntrico e patriarcal, precisa rever seu lugar de mulher, moçambicana, esposa, enfim, de sua própria identidade. Explica Luísa que “[...] vem de uma terra onde a solidariedade não tem fronteiras. Venho de um lugar onde se empresta o marido à melhor amiga para fazer um filho, com a mesma facilidade com que se empresta uma colher de pau.” (CHIZIANE, 2004, p. 82). E ainda mais, que com esse empréstimo estaria consumado o pagamento, isto é, a partilha de marido e amante.

Ao tomar consciência do adultério de Tony, se pode dizer que Rami sofre os dilemas desse cenário em que se encontra. Um cenário de abandono, desprezo, solidão. Esse tomar consciência gera formas de reflexão de si mesmo e do lugar que a mulher se encontra na sociedade moçambicana. Para tanto, ela dialoga, quase sempre, com seu espelho, que em alguns momentos a aconselha, noutros lhe cobra mudanças, fazendo-a enxergar a *realidade* em que se encontra. Numa espécie de *alter ego*, esse espelho lhe conduz a um descobrir de si, a um encontrar, mas sobretudo a um desvendar do lugar que Rami e as outras mulheres vivem na sociedade. Como se vê pelo diálogo entre ela e o espelho “– Pode-se roubar uma pessoa viva, ainda por cima um comandante da polícia? – Um marido rouba-se, nesta terra. – Não seja criança, gémea minha. Ele cansou-se de ti e partiu” (CHIZIANE, 2004, p.16). É bom reportar também, dentro da discussão sobre a cultura advinda com a colonização e como essa se desdobra no mundo pós-colonial, que Rami questiona o lugar instituído a Deus; sobretudo desse Deus judaico que se coloca como masculino, sendo usado para justificar a dominação do homem sobre a mulher. Ademais, Rami apresenta um Deus que advém do processo explorador colonial e, por isso mesmo, uma de suas justificativas (Fanon,1968), que ao invés de cooperar com as mulheres, faz delas subjugado, não as protegendo contra a maldade masculina, como se pode ver quando ela comenta que “E esse Deus, se existe, por que nos deixa sofrer assim?” (CHIZIANE, 2004, p. 68)

3. O MERCADO DE TRABALHO

Pode-se dizer, de modo geral, que a protagonista se coloca no mundo da pós-colonização, em que o local e global convivem. Assim há uma junção desses dois “mundos”. Não há de um lado a predominância de uma cultura, a vivência de uma ao lado da outra, como se fosse possível haver escolhas, ou seja, a que lhe foi dada sob os moldes cristão, que a faz

assimilada, e de outro lado a local, que a constitui como enraizada à terra, com sua ancestralidade pré-colonial. No romance, há uma espécie de imbricamento cultural, no qual a protagonista opta por um lado mais viável, o que pode fazê-la assumir a poligamia em um dado momento como solução para se empoderar como primeira esposa, legitimando-se através da aliança com as amantes (que se tornam esposas) de Tony. Tal situação, por exemplo, acaba por deslocar Rami do lugar de mulher traída e sem marido, para o de esposa respeitada de um polígamo. Para Cunha (2010, p. 70) “está enraizada na figura da narradora a luta interna constante, não lhe permitindo mais deixar de ser crítica, e acaba hesitando entre o que lhe diz a tradição e o que lhe parece o mais coerente diante da modernidade e da situação social emergente.” A respeito da poligamia, a narradora comenta que ela se constitui de

(...) famílias verdadeiras, onde havia democracia social. Cada mulher tinha sua casa, seus filhos e suas propriedades. Tínhamos nosso órgão – assembleia das esposas do rei –, onde discutíamos a divisão de trabalho, decidíamos quem ia preparar os banhos e esfregar os pés, cortar as unhas, massagear a coluna, aparar a barba, pentear os cabelos e outros cuidados (CHIZIANE, 2004, p.71)

De certo modo, a poligamia foi uma solução para o problema de todas as amantes de Tony, visto que tudo seria dividido democraticamente, sendo que todas teriam garantia de vida na sociedade. A poligamia acaba sendo um meio que dá à mulher moradia, bem como sustento para si e também para os filhos. Entretanto, tal processo não as deixa livres da dominação masculina. Ademais, assumir a poligamia implica em um modelo de vida que se assemelha a servidão, em que se deve ter o homem como superior e servi-lo de joelhos. Exemplo claro está na relação com a comida em que a moela da galinha era de direito apenas do homem, não exatamente por ser algo gostoso, mas por ser única. Para Francisco (2011, p. 303) há nessa representação uma opressão do homem, ou seja, “isto é o reflexo do quanto os valores culturais da nossa terra são mais favoráveis ao homem do que às mulheres.”.

Cabe mencionar que na obra existem rituais mais rígidos, como o *Kutchinga*, que se dá em caso de viuvez, “purificação sexual”. Oito dias após a morte do marido, são consolidadas as relações sexuais entre a viúva e o irmão de seu marido falecido. No caso de Rami, mesmo sabendo que Tony não havia falecido, ela se deu ao ato de ser *tchingada*, pois assim amenizaria o sofrimento pelo qual passou na pele de “viúva” e o prazer que lhe foi negado na sua vida conjugal.

– Quem foi o tal? – Foi o Levy. – Não reagiste, não resististe? – Como? É a nossa tradição, não é? Não me maltratou, descansa. Foi até muito suave, muito gentil. É um grande cavalheiro, aquele teu irmão.

Falo com muito prazer e ele sente a dor do marido traído. No meu peito explodem aplausos. Surpreendo-me. Sinto que endureci nas minhas atitudes. O meu desejo de vingança é superior a qualquer força deste mundo. (CHIZIANE, 2004, p. 227)

Ao passar pelo ritual do *kutchinga*, Rami retoma a tradição, tomando proveito da situação, objetivando, de certa forma, a vingança de seu marido e, por extensão, a todas as mulheres. No romance, porém, percebe-se que a protagonista passa a se mostrar arbitrária frente ao conformismo de outras mulheres, ou seja, a dependência, o comodismo. Rami – que atua como líder do grupo dessas mulheres – induz estas a terem sua própria renda, e aos poucos desconstrói a ideia do homem poderoso. Elas acabam por criar relações, conquistando espaços no mercado de trabalho para, ao final, fugirem um pouco do padrão de obediência ao masculino. Rami vê na união feminina e na independência financeira das mulheres um modo de escapar ou, pelo menos, diminuir a opressão que sofrem. Essa discussão fica clara nos diálogos entre ela e Luísa:

Aguentei com elas até onde, até que lhes disse: Isto acontece porque não trabalham. Em cada sol têm que mendigar uma migalha. Se cada uma de nós tivesse uma fonte de rendimento, um emprego, estaríamos livres dessa situação. É humilhante para uma mulher adulta pedir dinheiro para sal e carvão. (...) – Temos que trabalhar – diz a Lu –, ainda temos um pedaço de pão porque o Tony ainda está vivo. E quando ele morrer? Do luto até encontrar um novo parceiro vai um longo período de fome. É preciso prevenir o futuro. (CHIZIANE, 2004, p. 117-118)

Pode-se pensar tal discussão a partir da abordagem da teórica Spivak – citada no texto de Crosariol e Diniz, no início deste trabalho – na qual discorre sobre o silêncio da mulher, sobre sua culpabilidade em relação à submissão. Como se pode ver, é confirmado esse silenciamento no decorrer do romance, pois por ser vítimas das tradições locais – a obediência ao homem – acabam não tendo coragem de intervir no seu âmbito, sendo que no mundo em que estão inseridas, as leis não giram a seu favor. Apesar disso, ainda que esse pensamento descreva boa parte da obra, ou seja, ainda que haja essa complexidade de relações entre homem e mulher, é notável a voz da narradora quando fala que “As mulheres ostentam este ar de fraqueza, mas mordem como abelhas. Fazem o homem chorar de amor como uma criança até esvaziar-se da alma.” (CHIZIANE, 2004, p. 45).

Sob esse aspecto, as mulheres, no romance de Chiziane, estão representadas na figura de Vuyazi, que segundo a obra é uma “uma princesa insubmissa” que foi “estampada na lua” devido à desobediência ao marido. A punição a esta princesa aconteceu pelo fato de sua

oposição ao marido: “Quando o marido repreendia ela respondia. Quando lhe espancava, retribuía. Quando cozinhava galinha, comia moelas e comia coxas, servia ao marido o que lhe apetecia.” (CHIZIANE, 2004, p. 157) Por isso foi usada como exemplo às mulheres, que poderiam optar por seguir os passos desta princesa ou não, visto que a desobediência acarretaria em castigo.

A partir do momento em que mulheres de Tony descobrem que podem trabalhar e obter o seu próprio dinheiro, surge o início de uma possível representação, um modelo de mulher moçambicana. A independência financeira é uma possibilidade de se libertar das amarras do machismo. Com isso, por mais que distante, é o início da liberdade dessas mulheres. Para Cunha (2010, p. 71) “da parte feminina já é possível indagar quem são aquelas que formam a sociedade pós-colonial emergente e principalmente quem são essas mulheres que já não se calam diante do patriarcado.” Eles vão à luta, saem da zona do comodismo e do subalterno, o que leva uma reação adversa do mundo masculino, como se vê pela reação de Tony:

– Por isso me afrontam, porque têm dinheiro. Por isso me abusam, porque têm negócios. Por isso me faltam o respeito, porque se sentem senhoras. Mas eu sou um galo, tenho a cabeça no alto, eu canto, eu tenho dotes para grandes cantos. Pois saibam que o vosso destino é cacarejar, desovar, chocar, olhar para a terra e esgaravatar para ganhar uma minhoca, um farelo, um pão. (CHIZIANE, 2004, p. 166-167)

Conforme o discurso da personagem, nota-se que a sua recusa se deve ao fato dos padrões de costumes em Moçambique. Percebe-se que surge um novo conflito ao tentar resistir à autonomia de suas esposas – visto que acarretaria no enfraquecimento da sua autoridade quanto marido. Esse novo conflito abre a possibilidade para a independência feminina e marca também o tom violento da voz do homem. De acordo com as tradições locais, é de atribuição exclusiva do homem sustentar o lar e a mulher, sendo inadmissível o trabalho remunerado a uma mulher. As tradições locais ditam, no entanto, a voz das mulheres não se cala: “O Tony reage mal às nossas iniciativas mas nós fechamos os ouvidos e fazemos a nossa vida.” (CHIZIANE, 2004, p. 119)

A autonomia financeira é mais um ponto a favor das esposas de Tony. Lembrando que a partir do momento em que é instituído o casamento poligâmico, já estavam se sobrepondo em relação a Tony, pois se aproveitavam da fraqueza do marido para libertarem a moral. Ao ler “Fumava muito e bebia mais do que a conta.” (CHIZIANE, 2004, p.126), percebe-se a decadência do polígamo, na medida em que os dias se tornaram cansativos devido à soma de mulheres e afazeres, e na medida em que se fazia menos necessário na vida delas.

Somos esposas de um polígamo, socialmente reconhecidas, já ninguém nos olha como mães solteiras, apesar dos pesares. Os nossos filhos têm direito a um pai e a uma identidade. Nós já temos negócios, vida própria, sonho e sombra. Já não estendemos a mão para pedir sal e sabão. (CHIZIANE, 2004, 264)

Na leitura do romance é possível assinalar uma possibilidade de inversão de poder. Tony que era tão almejado, desejado por suas esposas, tendo antes total autoridade sobre elas, passa a ser questionado. Para, em um segundo momento, ser rejeitado pelas esposas. Em um dado momento a narradora comenta que “– Já ninguém quer o Tony?” (CHIZIANE, 2004, p.263), comprovando o desinteresse das esposas e das mudanças que o tempo lhe trouxe. Se por um lado se poderia pensar em uma vingança contra Tony, por outro, marca uma sociedade menos machista, ainda que apenas como possibilidade.

Isso também pode ser comprovado, quando Luísa, umas das esposas, abandona a união poligâmica para se casar com Vito. Decide que quer ser mulher casada “com certidão e aliança”. Esse episódio gera nas demais esposas a necessidade de uma nova esposa para o polígamo, pois a ausência de Luísa é notável, e como possuem negócios, estão sempre ocupadas com seus novos afazeres. Entretanto ele se recusa, pois já está tomado pelo cansaço diário de ter que lidar com as atuais esposas.

– Deus me acuda, vocês me matam. Fui um homem ávido da vida, mas agora não sou. Estou muito cansado de tanto amar e tanto sofrer. Por favor, vos imploro, não me deem esse castigo. Não posso viver emoções fortes, sabem disso. É minha vida, é a minha saúde. Já ameí muito nesta vida. Casei muito, agora basta. (CHIZIANE, 2004, p. 321)

Se pode notar no romance que esse momento foi crucial para que as demais esposas, exceto Rami – grávida de Levy, o irmão de Tony –, assumissem outras posições sociais. Mesmo que casando com outros homens, elas acabam por construir novos modos de se relacionar com o homem. De certo modo, isso acaba por visualizar uma possível quebra da submissão ao homem, deixando retrógrada a ideia de que “Precisa-se de um homem para dar dinheiro. Para existir. Para ter estatuto. Para dar um horizonte na vida a milhões de mulheres que andam soltas pelo mundo.” (CHIZIANE, 2004, p.163). Precisa-se de “um homem para dar dinheiro”, todavia, aí está a questão: “para dar dinheiro”, e não amor. Elas viviam com Tony porque este dava a elas o sustento. Porém através da independência financeira se dá a libertação, e com isso já adquirem seus próprios meios de cuidar de si e de seus filhos, e já não precisam mais de Tony.

Com isso, aos poucos, as esposas vão o deixando e filiam-se a outro marido. Entretanto, unem-se a outro marido, mas não devido ao sustento, e sim pela necessidade de ter um companheiro.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Tendo por base os artigos bibliográficos, neste trabalho, foram analisadas a submissão e liberdade das mulheres em *Niketché*: uma história de poligamia, de Paulina Chiziane, no qual se discorreu sobre suas lutas em prol da liberdade e fuga da submissão masculina. Através da rotina das personagens, Chiziane expõe a realidade de algumas mulheres moçambicanas, que vivem lugares de culturas diferentes, neste caso, a cultura tradicional local e a cultura europeia. Essas mulheres são um modelo de um feminino moçambicano e representam o país com as suas variedades de culturas. A autora por meio de sua obra faz uma espécie de denúncia em relação às formas de tratamento dado às mulheres, ao que foi obtido da colonização europeia.

Se pode ver que a personagem Rami foi a principal responsável por todos os acontecimentos marcantes e que a sua trajetória lhe fez ver as coisas de um modo bem diferente, o que acarretou uma quebra na cultura a qual pertencia, no modos de vida cristão nos quais foi criada. E através da poligamia é consumado um novo começo da vida das personagens.

Todavia, os movimentos coloniais corromperam as ações de alguma dessas mulheres, deixando-as a mercê de uma cultura que era sua, como é o caso de Rami, que se reinventa ao lado das amantes de seu marido, o que para todos os efeitos leva a entender que é a reinvenção de Moçambique diante das diversas culturas. Mesmo representando um contraste de esposa e amantes, elas se juntam e formam um discurso de luta por direitos iguais e liberdade.

Rami, conseqüentemente, ganha força com as suas aliadas consegue ir bem mais além, reverte o que lhe foi atribuído segundo os costumes adquiridos no colonialismo, o que a fez viver tanto tempo cativa e alienada a tal modo de vida. Com ela mesma afirma no romance: “Fiz das minhas rivais minhas aliadas, minhas lanças envenenadas na batalha do amor.” (CHIZIANE, 2004, p. 14)

Como visto, a autonomia financeira foi um grande passo na vida dessas mulheres, dando a elas o poder de reverter um padrão de vida o qual foram impostas, quebrando a ideia de que as mulheres devem ater somente à identidade doméstica. Como diz a narradora-personagem: “Juntas celebramos o porvir e juramos: a partir de hoje, caminharemos na marcha de todas as mulheres desprotegidas pela sorte, multiplicaremos a força dos nossos braços e seremos heroínas tombando na batalha do pão de cada dia.” (CHIZIANE, 2004, p. 293). Em uma terra

onde o poder é de atribuição ao patriarcado, as mulheres de *Niketche* conseguem romper o silêncio, quebrando a submissão ao masculino, podendo assim influenciar essa mudança a outras mulheres que também vivem o mesmo dilema.

REFERÊNCIAS

Chiziane, Paulina (2002). **Niketche**: uma história de poligamia. São Paulo: Companhia das Letras.2004.

CROSARIOL, Isabelita Maria e DINIZ, Stefânia de Moraes. Niketche: As Diversas Facetas do Ser Mulher em Moçambique. e-*scrita Revista do Curso de Letras da UNIABEU Nilópolis*, v.3, Número 2 , Mai. - Ago. 2012.

CUNHA, Raquel Ferro da. A Voz Feminina: Constituição Da Literatura Pós-colonial Moçambicana. **Revista Historiador Número 03**. Ano 03. Dezembro de 2010.

FARIAS, Vera Elizabeth Prola e NIEDERAUER, Sílvia Helena (2012). **Breves Reflexões Sobre a Identidade Feminina Moçambicana**: Niketche; uma história de poligamia. Disponível em:<<http://www.unifra.br/eventos/inletras2012/Trabalhos/4744.pdf>>. Acesso em Jan/2016.

FANON, Frantz. **Os condenados da terra**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1968.

FRANCISCO, Helga Maria Pinto. **Niketche**: um discurso de negociação de uma identidade nova para a mulher moçambicana do século XXI. Conto interpolado- Ciclo de contos. 2011.

PADILHA, Laura Cavalcante. Capulanas e vestidos de noiva. Leitura de romances de Paulina Chiziane Desenredo - **Revista do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade de Passo Fundo** - jan./jun. 2005.

SANTOS, Antônio Raimundo dos. **Metodologia Científica**: a construção do conhecimento. 5.ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.

SANTOS, Donizeth. Representações da Mãe-África Nas Poesias Moçambicana e Afro-Brasileira. **Revista do Núcleo de Estudos de Literatura Portuguesa e Africana da UFF**, Vol. 5, nº 9, Novembro de 2012.